

Crítica do Pensar contemporâneo

CRITICISM OF CONTEMPORARY THINKING

KÊNIA MADOZ

RESUMO: O artigo busca apresentar assuntos tratados nas aulas do professor Dr. Flávio R. Kothe, na disciplina Filosofia da Arte (1º Sem./2021) do Pós-Graduação -PPG-FAU -Universidade de Brasília (UnB), relativos à (re)construção do Pensamento. Ideias da concepção da verdade, da liberdade e do belo foram discutidas para a formulação de duas questões que norteiam esse texto: a importância do Pensar na atualidade e a necessidade da construção da crítica do pensamento contemporâneo. A hipótese principal é de que, nos tempos atuais, o Pensar está escondido em uma diversidade de tramas que impedem a evolução do pensamento. O artigo tem por base estudos de autores clássicos que são imprescindíveis ao desenvolvimento do Pensar contemporâneo. Flávio Kothe (2021) por meio de estudo das obras de Aristóteles, Platão, Tomás de Aquino, Kant, Hegel, Heidegger, Solger, Nietzsche e outros, realiza exercício crítico dos seus textos e ressalta que a “liberdade de hermenêutica está prejudicada pela exegese religiosa” (KOTHE, 2021), além de apontar importantes aspectos a serem considerados para a evolução do pensamento na nossa sociedade.

Palavras-chave: Pensar; Crítica; Pensamento.

ABSTRACT: *The article seeks to present subjects dealt with in the classes of Professor Dr. Flávio R. Kothe, in the Philosophy of Art discipline (1st Sem./2021) of the Graduate Program - PPG-FAU - University of Brasília (UnB), related to (re)construction of Thought. Ideas of the conception of truth, freedom and beauty were discussed for the formulation of two questions that guide this text: the importance of Thinking in the present and the need to build a critique of contemporary thought. The main hypothesis is that, in current times, Thinking is hidden in a diversity of plots that prevent the evolution of thought. The article is based on studies by classic authors that are essential for the development of contemporary thinking. Flávio Kothe*

(2021) through a deep study of the works of Aristotle, Plato, Thomas Aquinas, Kant, Hegel, Heidegger, Solger, Nietzsche and others, performs a critical exercise of his texts and emphasizes that the “freedom of hermeneutics is impaired by the religious exegesis” (KOTHE, 2021), in addition to pointing out important aspects to be considered for the evolution of thought in our society.

Keywords: *Thinking. Criticism. Thought.*

DA CRÍTICA DO PENSAR CONTEMPORÂNEO

Pensar, especificamente na atualidade, está prejudicado pela exegese religiosa, que nasceu dos pressupostos da limitada leitura e interpretação pela crença de textos sacros. Esse é um ponto conclusivo que Flávio Kothe apresenta como questão que vai permear sua tese de que não há liberdade hermenêutica.

O problema apresentado por Kothe (2021) abrange não somente a religião, mas a própria universidade, que também não procura buscar discutir os grandes problemas por meio de pensamento livre e crítico na procura da verdade. Acrescenta também, o autor (*idem*), que fora da universidade essa questão não é tratada.

O resgate do estudo do pensamento é primordial e, por isso, a questão consiste em considerar o Pensar como forma de evolução e desenvolvimento do próprio ser humano. Mas o que vem ser o Pensar? Para essa resposta a própria filosofia pode responder. Para Platão, por exemplo, o exercício do pensar é solitário e vem de um espanto, de uma perplexidade, consistindo em um erro direcionar o pensamento

sobre a coisa. Nesse viés, o caminho está em pensar a “a coisa”, pois aí que mora o fundamento do pensamento, e partir dela que ocorre o seu aprofundamento.

A esse respeito, necessário considerar a “verdade”, a “liberdade” e a “imaginação”, como pressupostos necessários do pensamento. Ademais, nas grandes obras, sejam literárias e filosóficas estão a base do pensamento, as quais devemos resgatá-las como estrutura para evolução do Pensar.

Pensar, por meio da “verdade” parte da necessidade de saber, primeiramente, o que vem a ser a verdade. Há muitos conceitos e, por isso, é necessário saber em qual concepção se está operando. Por exemplo, para Hegel, a verdade é o conhecimento do todo em suas múltiplas determinações. A questão que surge daí, é se podemos saber o que é o todo e ver todos os seus elementos. Isso parece inatingível. É possível ver todos os aspectos da sociedade, os seus problemas? Isso não é fácil.

Também não se pode confundir a “verdade” que vem de uma redução conforme determinado paradigma, pois, o paradoxo pode não estar certo ou pode ainda ser insuficiente. Nesse sentido, a “verdade” para Tomás de Aquino é fruto da mente divina. Nesse caso, conforme Kothe (2021), Deus seria a própria contradição da verdade divina em suas múltiplas formas. Para Hegel, a verdade não pode ser confundida como aquela que opera em um certo período, um certo tempo. Podemos saber o que é universal? Ademais, a verdade não pode ser reduzida somente a quantidade, como é na atualidade. Existem modalidades importantes além da quantidade que não são consideradas. Para Kant, por exemplo, seriam quatro: a quantidade, a qualidade, a modalidade e a finalidade. Ou seja, a verdade deve abranger o máximo dos aspectos revelados dos objetos. Entretanto, conforme Kothe (*idem*), não se percebe isso, e acrescenta: “o problema, então, está em saber quais seriam esses aspectos” (KOTHE, 2021).

Nessa questão, ressalta Kothe (2021): “a verdade é para ser vista como contradição. A obra de arte deve

expressar essa ideia” (KOTHE, 2021). Assim, conforme Solger, na tensão dos contrários é que a verdade se apresenta. Em relação a isso, complementa o mesmo autor (*idem*), o “belo” mostra essa tensão, como por exemplo aparece nas grandes obras. As contradições aparecem e também há o que está subjacente, o que as imagens não mostram, mas devem ser pensadas e discutidas.

Martin Heidegger buscou, ao procurar dialogar com Platão, uma aproximação de mais de 2000 anos. Para Heidegger, o Pensar vem de um espanto (Platão) e deve instituir o lugar de morada do qual devemos nos apossar. Ademais, acrescenta que pode acontecer em qualquer momento e a qualquer um. O autor ressalta que pensar é diferente da técnica, pois nela o próprio pensar é descartado. Hannah Arendt diz, a esse respeito, que a solidão está ligada a esse pensar. Contudo, argumenta Kothe: “será que isso pode tornar-se local de permanência da moradia? Nesse sentido o que se deduz é que mesmo havendo a metáfora dos locais do mundo, da atividade humana, o lugar do Pensar é de calma, de quietude.

Na perspectiva de Heidegger o Pensar ocorre em uma união de contrários, mas em uma espécie de paz absoluta, resultando no local de filosofar. Ademais, o autor acrescenta que é no estranhamento, “Ostranenie”, que se (re)constrói o mundo e por meio de um distanciamento crítico do longe e do perto se constitui um Pensar memorável.

A questão da verdade envolve o “eu cognoscente” que é uma especialidade de representação da alma, mas que apresenta uma contradição do conhecimento. O eu cognoscente está em mudanças e, por isso, a importância da “imaginação” que se torna o fundamento de todo o processo do conhecimento. Argumenta Kothe (2012) que a “imaginação” não é importante somente para a arte, mas também para a ciência. Explica, ainda, que “ela é diferente da fantasia”, o que, segundo Baumgarten, é o certo, pois traz a imagem para perto, diferentemente da fantasia. No sonho, por exemplo, conforme aponta Kothe (*idem*), surge pela imagem-complexidade.

Para pensar é preciso ter “liberdade”. A liberdade é a essência da verdade (Heidegger). Os pensamentos são livres e aí está a dignidade do ser humano. Por outro lado, “existe liberdade para falar e discutir sobre Deus e as religiões?” (KOTHE,2012). Existe uma contradição que Deus está em tudo, e isso são claramente, tensões entre contrários. E, a própria obra de arte está em tensão. Mas existe também a incompatibilidade entre o real e o ideal. Muitas vezes o real é fantasiado, romantizado. Para Kothe (2021) o que ocorre é uma “disjunção entre o real e o ideal”. Um exemplo interessante é o poema de Castro Alves, apresentado como “poeta dos escravos”. Entretanto, conforme aponta Kothe, para esse ele, o lugar do negro que já estava no Brasil era retornar à África.

Assim é que o cânone colonial opera: envolve também a interpretação que levava a confirmação desse mesmo modelo. Explica Kothe (2021) que as obras literárias e de artes são determinadas pelo cânone brasileiro, resultando em uma doutrinação com parâmetros que estejam de acordo com o latifúndio escravocrata, o que parece que ainda não se rompeu. Outras formas desse modelo se repetem e estão muitas vezes revestidas.

Dessa maneira, “é importante diferenciar entre a exegese canonizante da hermenêutica crítica, que não pode ser filosófica porque a filosófica tende a ser limitada das suas limitações” (KOTHE, 2021).

Na estética de Nietzsche, segundo Kothe (*idem*), a obra de arte se torna um refúgio do ideal. O filósofo percebeu, em certas obras, “a idealização do baixo”. Isto é mostrado conforme exemplifica Kothe (*idem*), em obras como a de Zola em que relata o grande amor de uma prostituta de luxo; Carmem de Bizet, em que uma mulher cigana é capaz de amar mais de um homem etc. E mesmo como modelo idealizado de uma sociedade monárquica, a exemplo da Inglaterra ou mesmo a idealização marxista, demonstram a transformação do real, segundo o ideal.

Nesse viés, inúmeros exemplos podem ser citados da nossa sociedade. Assim, os direitos constitucionais são realmente direitos ou falácias? O salário

mínimo pode oferecer tudo aquilo que ele diz ser capaz? Podemos afirmar que não existe escravidão? Podemos enxergar os efeitos da moderna agricultura e da pecuária nas mudanças do meio ambiente, ou os seus benefícios por si justificariam os seus efeitos? A construção mercadológica das cidades trazem benefícios que justificam a transformação radical produzida?

A esse respeito, Milton Santos (1999), diz que a atualidade deve ser vista como realização do interesse objetivo do todo através de fins particulares. E conforme Whitehead (1938), o sentido da atualidade vem do valor que as coisas têm para eles mesmos, para os outros e para o todo.

O que fica evidente é a necessidade de pensar de forma livre. Contudo, Kothe questiona até que ponto temos liberdade hermenêutica? Um dos problemas acerca disso está no círculo hermenêutico: o todo e as partes. Entretanto, o que é o todo? O todo, por exemplo, pode parecer o resultado de uma obra, mas é necessário desenvolver os aspectos que nem sempre são abordados. O todo pode também servir de propaganda ideológica, ou abranger lacunas de pouca relevância. Tomando por exemplo uma obra de arte, “A última ceia”, de Leonardo da Vinci. A totalidade estaria num conjunto absoluto das partes em relação mútua, podendo inclusive evoluir, ao mesmo tempo, para tornar-se uma outra, e continuar a ser totalidade (Santos, 1999).

A questão do círculo hermenêutico é um problema, pois tem uma parte que se entende de uma maneira, mas por outro lado, tem ainda o paradoxal. Isto é, depende da ótica que está sendo vista, daí o sistema parte do todo. Por exemplo: a Globalização, a aldeia global, não é cada parte que compõe o todo, mas cada parte está na globalização na medida em que exerce uma função formal e outra da informalidade.

Nesse sentido, Milton Santos em *A natureza do espaço: razão e emoção* (1999), explica que a noção de totalidade:

é uma das mais fecundas que a filosofia clássica

nos legou, constituindo em elemento fundamental para o conhecimento e análise da realidade. Segundo essa ideia, todas as coisas presentes no Universo formam uma unidade. Cada coisa nada mais é que parte da unidade do todo, mas a totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam a Totalidade não bastam para explicá-las. Ao contrário, é a Totalidade que explica as partes (SANTOS, 1999, p.94).

Para Santos (1999), o conhecimento da totalidade pressupõe, a sua divisão. Assim, o real é o processo de subdivisão. E, “pensar a totalidade, sem pensar a sua cisão é como se a esvaziássemos de movimento” (SANTOS, 1999, p. 95). A totalidade está sempre em movimento, num incessante processo de totalização, isto é, conforme Sartre (1968) é uma totalização que está sendo totalizada continuamente, aonde os fatos isolados não tem valor, enquanto não relacionados, pela mediação das diferentes partes, à totalização em processo.

Dessa forma, conforme explica Santos (*idem*), Sartre ao ressaltar o papel da totalização, está aplicando o que recebeu de herança de Hegel, qual seja: a verdade é algo que está sempre emergindo e tendendo a tornar-se uma totalização.

A revisão dos valores que levam a contradição é importante para a compreensão. Situações em que a teoria se mostra vital, nem sempre são aceitas. Assim, surge a questão muito importante que é do método. Gadamer postula em sua maior obra, “Verdade e método”, que a hermenêutica, ao longo do processo de interpretação, vai questionando e desenvolvendo os pressupostos, o que vem a ser a hermenêutica filosófica. Nela, ocorreria a desconstrução dos seus pressupostos ao longo da construção da interpretação. Enquanto a exegese religiosa, nunca vai questionar a própria crença. Nesse sentido, que Flávio Kothe (2021) alerta que é preciso ter cuidado, pois pode precisar aceitar outras repostas que não estão no método. E prossegue, o método é redundante e não consegue ver o que é mais importante.

A liberdade hermenêutica admite outros sentidos,

significados da obra de arte, mas de modo geral, a filosofia não questiona os filósofos. Uma crítica principal que apresenta Kothe (2021) está no exercício do pensar. Para o mesmo autor, passa pelo estudo das grandes obras filosóficas que não lemos, pelo estudo que está fora do cânone determinado para nossa educação.

Outra questão apontada por Kothe (2021) consiste em que as grandes obras operam com grandes contradições entre aquilo que é dito e o que a obra quer transmitir, e para perceber isso, não é fácil, pois são necessárias grandes mudanças, sobretudo, na nossa educação, que ainda é direcionada pelo cânone e que “muitas dessas obras transmitem uma tensão que leitores comuns não percebem” (KOTHE, 2021).

Nas grandes obras artísticas e até na filosofia se operam com contradições tensas. Há “uma diferença como se ela projetasse uma sombra que vai além de si mesma” (KOTHE, 2021). Nesse viés, é muito comum depararmos com o uso de frases “impactantes” usadas sem considerar sua contextualização e uma avaliação do que de fato o autor quis dizer. E isso tem sido uma prática que produz erros e falácias repetidas a todo momento, como se verdade fosse.

Das obras de Martin Heidegger, de modo específico, muito se tem a dizer e estudar. Devido a sua grande extensão e de que somente uma pequena parte dela é ainda conhecida, a sua compreensão só está começando.

A principal questão, ressaltada por Kothe (2021) sobre os escritos de Heidegger, diz respeito até que ponto o filósofo apresentou superação da tradição metafísica da teologia? E, isso deve ser expandido à própria Filosofia, que precisa de uma definição em continuar laica ou não. A esse respeito, Kothe (*idem*), aponta que o problema é mais complexo: “se a filosofia é a própria teologia disfarçada sobre a máscara da Filosofia” (KOTHE, 2021).

Nesse sentido, escritos heideggerianos resultariam do questionamento sobre como se entenderia a verdade. Ao se referir como *alétheia* como verdade, o

autor usa o termo grego que vem de um nome de uma deusa. Para Kothe (2021)), essas referências gregas de Heidegger são um avanço no sentido de reler a compreensão antiga, mas, quando não questionam a crença grega, parecem também um atraso. O que se sabe é que o autor jamais rompeu com o catolicismo, e nisso consiste a discussão mais relevante do que a sua participação como reitor no período do Nazismo.

Contudo, um ponto importante sobre o vocábulo *alétheia*, é o seu sentido de descobrimento, um desvelamento que novamente se vela. Assim, é possível reconhecer o jogo que se poderia entender como dialética: velado e desvelado. “Nos textos de Heidegger mostra que algo pode ser desvelado para não mostrar o que ficaram velados” (KOTHE, 2021).

Já no ensaio *A origem da obra de arte*, quando do seu lançamento, parecia inovador, mas Kothe apresenta a questão: “até que ponto rompe com a tradição escolástica? E o que consistiria a noção de belo para Heidegger que está em jogo?” Para esses questionamentos, “em Heidegger sob aparência de inovação terminológica, não há uma estrutura nova.” (KOTHE, 2021).

Uma novidade em *A origem da obra de arte* é o que o autor apresenta o círculo hermenêutico do artista e da obra de arte. Contudo, ainda deveria explicar o diferencial da própria artisticidade, que caracteriza tanto a obra quanto o artista, segundo Kothe (2012). Mas, o que fica evidente na sua obra é que Heidegger não toca nas condições sociais e a pressupostos históricos. Ademais, as questões que envolvem as relações de poder e os elementos ideologicamente inerentes de criação da arte, o filósofo não toca.

Nas obras de Heidegger, *Ser e tempo*, *Construir, morar, pensar*, traduzidas para o português, especificamente, apresentam muitos erros de tradução, que comprometem o seu entendimento. Dentre eles traduzir *habitar* por *morar*, o “*Dasein*” como “*ser-aí*”, quando deveria ser traduzido por “*estar-aí*”, “*cura*” como “*Sorge*” e daí cuidado, quando deveria ser ocupação, etc. Tais erros prejudicam a compreensão

e, segundo Kothe (2012), podem ser intencional, considerando que as suas obras, traduzidas para o português, pela editora Vozes, de tradição católica, poderia estar seguindo a tradição escolástica, na qual a essência divina já existia antes da existência, reflete assim, a opção religiosa de Heidegger.

No ensaio “*Construir, morar, habitar*”, algumas questões acerca do pensamento de Heidegger necessitam ser discutidas. Dentre elas, a referência que faz o autor em dizer que somente os seres humanos moram, se abrigam no mundo dos mortais. Isso não parece correto, pois outros animais também escolhem o melhor abrigo para morar, e isso é feito com inteligência. O mesmo pode ser dito em relação a primazia da linguagem, dos sentimentos e em saber se vai morrer. Já está provado que animais também possuem essas particularidades que não estão somente nos seres humanos.

Nesse mesmo texto, Kothe (2021), também contesta o que Heidegger diz acerca do homem, ao morar como forma de se proteger e se preservar do mundo. O Morar como resguardo do mundo e das coisas, não é bem a realidade das construções. Nelas resultam da destruição da vegetação e da ecologia que abrigava outros seres e Isso recai naquilo que Nietzsche afirma: “os vivos vem da morte, a morte é essencial para a vida”, e “a vida é imoral porque vive da morte alheia.”

Contudo, uma novidade em *Ser e tempo* é que o autor ao se referir, “*estar-no-mundo*” introduz a espacialidade como parte constitutiva do homem, baseado no *Livro IV da Física* de Aristóteles sobre o espaçamento dos corpos pelo movimento. Por outro lado, para o autor, o espaçamento diz respeito a arrumar espaço que é diferente de gerar espaço, conforme aponta Kothe (2021).

A importância do Pensar na atualidade é uma questão de sobrevivência, além do comprometimento inevitável para as futuras gerações. Ademais, muitos fatos são demonstrados, como as alterações no aumento da temperatura do planeta, que têm provocado desastres e flagelos no nosso país e em todo

o mundo, são consequências da ação do maior predador da atualidade, o ser humano. E conforme Kothe (2021), a notória frase que distinguia a Terra dos demais corpos do sistema solar, mudou em menos de 60 anos para “o céu da Terra é negro”. E isso é o que revela o atual estágio de devastação e inércia, de modo geral, em nosso planeta da Era do homem (Heidegger).

Temas como a agricultura moderna também é importante discutir. A agricultura é uma indústria motorizada de alimentos e que causa extermínios (Marcuse). Mas nós não estamos acostumados a ver as fronteiras agrícolas como fontes de extermínio da natureza. Para Kothe (2021), é uma espécie de campo de concentração. Nesse sentido construir cidades e casas é ao mesmo tempo destruir. Resultado de ainda hoje não tomarmos consciência ecológica e, na questão das enchentes, poluição e desastres, por exemplo, culpam a natureza sem percebe que foram provenientes das ações humanas.

Pode-se acrescentar que estamos há muito tempo sofrendo uma espécie de lavagem cerebral sobre o que seria correto e normal. Caso típico dos Estados Unidos que por décadas têm intervindo em diversos países, deixando por onde atua, rastros de miséria, pobreza e desordem sociais. Contudo, não é difícil perceber o apoio da nossa população aos invasores. E isso pode ser explicado pela publicidade, papel das mídias e das elites enaltecendo ações danosas aos países mais pobres.

Para Kothe (2021), temos que ter abertura para essas contradições subterrâneas que aparecem nessas obras e ter a coragem de mergulhar nesses abismos que se abrem, e insistir que a hermenêutica não é filosófica por seu objeto, mas pela sua atitude em relação à busca. Ela não pode ser dogmática, calcada em credices. Ela deve ter o primado da dúvida e do questionamento. E ainda, temos que ter a abertura para ver esse lado. O nosso sistema educacional é muito mais doutrinador e dogmático e não questionador.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. Trad. Eduardo Soares Neves Silva. *Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. Trad. Miriam Sutter Medeiros. *Estética: a lógica da arte e do poema*. Petropolis: Vozes, 1993.
- HEIDEGGER, Martin. *A origem da Obra de Arte*. Lisboa, 1996.
- _____. Building, dwelling, thinking. *Visual Culture: Critical Concepts in Media and Cultural Studies*, v. 3, p. 66-76, 1956.
- _____. Conferências e escritos filosóficos. São Paulo: *Abril cultural*, 1983.
- _____. Construir, habitar, pensar. In: *Os pensadores* (trad. Ernildo Stein) São Paulo: *Abril cultural*, 1999.
- _____. *Conferencias y artículos. (Vortrage und Ausätze)*. Barcelona: *ediciones del Serbal*, 1994.
- _____. *Da experiência do pensar*. Trad. Maria do Carmo Tavares Miranda. Porto Alegre: Editora Globo S.A., 1969.
- _____. *Hölderlin y la esencia de la poesia*. In: *Arte y Poesia*. Cidade do México: *Fondo de Cultura Económica*, 1958.
- _____. *Ontologia- hermenêutica de la facticidad*. Tradução de Jaime Aspiunza. Madri: Aliança Editorial 1999.
- _____. *Ser e Tempo* (tradução, organização, nota prévia, anexos e notas: Fausto Castilho - Campinas, SP: Ed. da Unicamp; Petrópolis RJ: Ed. Vozes, 2012.
- KOTHE, Flávio R. A dialética na Esplanada dos Ministérios, In: *Revista de Estética e Semiótica, revista eletrônica do Núcleo de Estética e Semiótica - NES*, PPG, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo -FAU, Universidade de Brasília -UNB. Instituto Central de Ciências - ICC Norte, Brasília, 88-92, volume II, nº 1, ano 2012. <http://www.esteticasemiotica.com>.ISSN 2238-362X.
- _____. Arte e filosofia: a estética e os sentidos, ensaio, In: *Arquitetura, Estética e Cidade - questões da modernidade*. Supervisão de maria Fernanda Dentl e Elane Ribeiro Peixoto, Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo -Univer-

sidade de Brasília, 2014, ISBN 978-85-60762-17-0, p. 116-148.

_____ *Disciplinas da pós - graduação: Fundamentos da Estética (1º Sem. 2020); Teoria do Conhecimento (2º Sem. 2020) e Filosofia da Arte (1º Sem. 2021)*. Brasília: PPG-FAU UnB, 2020-2021.

_____ Em amoroso anil, tradução do poema de Hölderlin “in lieblicher Bläue”, PP.75 - 77, in: *Revista de Estética e Semiótica, revista eletrônica do Núcleo de Estética e Semiótica - NES*, PPG, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU, Universidade de Brasília - UNB. Instituto Central de Ciências -ICC Norte, Brasília, 88-92, volume I, nº 2, ano 2011. <http://www.esteticasemiotica.com>.ISSN 2238-362X.

_____ Encontros de Martin Heidegger com Paul Celan, comentário e tradução in: *Jornal da ANE, Associação Nacional de Escritores*, Brasília, Ano VII e VII, nº 49, p. 7, dezembro de 2012 e janeiro de 2013. <http://www.anenet.com.br>

_____ *Fundamentos da Teoria Literária*. São Paulo: Ed. Cajuína, 2019.

_____ Nietzsche X Heidegger, ensaio, *Revista de Estética e Semiótica*, vol. 3, nº 02/2013, p. 30 - 77, <http://www.esteticasemiotica.com>.ISSN

_____ Plato and the city. Resenha, in: *Revista de Estética e Semiótica, revista eletrônica do Núcleo de Estética e Semiótica - NES*, PPG, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU, Universidade de Brasília - UNB. Instituto Central de Ciências -ICC Norte, Brasília, 88-92, volume I, nº 2, ano 2011. <http://www.esteticasemiotica.com>.ISSN 2238-362X.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1999.

SARTRE, Jean Paul. *Search for a method*. New York: A vintage book, 1968.

WHITEHEAD, Alfred N.. *An enquiry concerning the principles of natural knowledge*. Cambridge University press, 1928.